

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DO “BREVE APARELHO E MODO FACIL PERA AJUDAR A BEM MORRER HUM CHRISTÃO” (1621)

Sara Cerqueira

Em 1621, os prelos lisboetas de João Rodrigues ofereciam pela primeira vez um pequeno livro in-8º de 213 fólhos, escrito por um jesuíta relativamente pouco conhecido, intitulado-se, com cuidada e demorada pedagogia, *Breve Aparelho e modo fácil pera ajudar a bem morrer hum christão, com recompilação da materia de testamentos, e penitencia, varias orações devotas, tiradas da scriptura sagrada e ritual romano de N. S. P. Paulo V.* Espelhando a tendência para a especialização das obras de preparação da morte, este trabalho do padre Estevão de Castro comparecia, porém, no panorama da cultura editorial do livro religioso português como um investimento quase original, praticamente fundador do futuro sucesso destas artes e aparelhos em que se ensinava a morrer. De facto, a actividade editorial portuguesa não privilegiou a impressão original de textos de preparação para a morte até ao início do século XVII, podendo apenas arrolar-se, ao longo de Quinhentos, duas traduções de textos, classificados no interior dessa literatura especializada: a obra do jesuíta Pedro Doménech, *Doutrina muito proveitosa para todo o cristão de qualquer estado que seja, tirado do Espelho de Bem Viver que fez um pregador de S. Agostinho e outros livros devotos*, editada em 1550, a que se podia juntar, desde 1559, o livro do grande dominicano Luís de Granada, em que se oferecia uma *Breve institución y regla de bien vivir*¹. É naturalmente possível que se lesse e comprasse obras de preparação para a morte editadas noutros horizontes geográficos, nomeadamente espanhóis, mas em termos rigorosos, seguindo a actividade dos prelos portugueses, é apenas no começo de Seiscentos que se começa lentamente a descobrir as primeiras preparações para a morte.

Seguindo um fio cronológico, o primeiro trabalho impresso em Portugal que se deve integrar na difusão da literatura de preparação para a morte é o livro que Jácome Carvalho do Canto intitulou *Horas da Cruz de Cristo, Arte e Aparelho santo para bem morrer*, livro saído da tipografia lisboeta de Pedro

Craesbeeck, em 1613². Porteiro do Santo Ofício, conhecido pela sua vida moral, falecido em 1623, Jácome do Canto era, nos finais do século XVI e princípios da centúria seguinte, um dos grande autores de espiritualidade portugueses, com vários títulos dedicados a exercícios espirituais³, nos quais se deve incluir as suas *Horas da Cruz*, um livro de pequeno formato destinado nitidamente à meditação e oração pessoais. Dois anos mais tarde, novamente dos prelos de Pedro Craesbeeck sairia um segundo manual, desta vez da autoria do religioso beneditino António Alvarado, oferecendo o título simples de *Arte de Bien Morir y Guia del Camiño de la Muerte*⁴. Trata-se de uma obra escrita em castelhano, durante a época de domínio filipino, e que se deve colocar em comunicação com a circulação e a produção que em Espanha alcançaram estas obras de preparação para a morte⁵. O *Breve Aparelho* apresenta-se, assim, como o terceiro livro impresso no século XVII de preparação para a morte, mas mostra-se em grande medida, como veremos, como o texto que inicia a difusão dessa literatura especializada pela cultura religiosa católica.

Acerca do autor, Estevão de Castro, pouco chegou até ao nosso conhecimento. Compulsando as notícias actualmente conhecidas, sabemos que era natural de Lisboa, nascido no seio de uma família aristocrata, sendo filho de António Vidal de Vasconcellos e de D. Maria de Castro. A 10 de Agosto de 1589, com apenas 16 anos de idade, decidiu abraçar a vida religiosa na Companhia de Jesus, debutando uma formação académica na Universidade de Coimbra. Pregador com alguma importância, percorreu o reino em diversas missões, foi procurador geral da Província da Índia da Companhia, vindo a morrer no colégio jesuíta do Porto, em 1639, com 66 anos de idade⁶. Significativamente, não se identifica na sua actividade qualquer outra produção literária impressa ou manuscrita que não seja a edição do *Breve Aparelho* que, durante a sua vida, terá visto, pelo menos, as impressões de 1621, 1627 e 1637 para, depois, coleccionar ainda várias outras edições que prolongaram o sucesso da obra de Estevão de Castro até meados do século XVIII, assim acompanhando a evolução geral da expansão e refluxo da literatura de preparação para a morte em Portugal⁷.

Estevão de Castro situa-se com clareza na génese da difusão em Portugal desta literatura moderna da morte, que parece mesmo conhecer, visto que prefere iniciar o seu livro com a significativa declaração sublinhando que:

ainda que andão alguns tratados de ajudar a bem morrer, doutos e devotos, como são tão difusos e compridos, cõvarias cõsiderações, servem mais para a lembrança da morte e viver bem ; do que pera ajudar a bem morrer no ultimo fim da vida, e agonia da morte, onde he necessario como cousa repentina (pois os enemigos dão assaltos às almas postas naquelle estado, como diz a Sagrada Escritura...) ⁸.

Repare-se, assim, que o livro do jesuíta procura situar-se precisamente no interior da literatura destinada a acompanhar o agonizante, referenciando-se, de forma bem explícita, ao já citado tratado do beneditino António Alvarado – *Arte de Bien Morir y Guia del Camiño de la Muerte*, que constituía uma espécie de obra charneira, conjugando duas vertentes das *artes moriendi*, que se traduziam em dois destinatários precisos e bem identificados. Por um lado, esta obra destinava-se aos agonizantes, reproduzindo a antiga tradição iconográfica das *artes moriendi* e, por outro, tinha também como destinatários os sacerdotes que assistiam aos moribundos, explorando, desta maneira, a nova temática e os novos consumidores deste tipo de literatura: os confessores. Na apresentação do seu tratado, o religioso de S. Bento explicava, por isso, que “va dividida esta arte en dos Tratados. En el primero se enseña lo que deve hazer el enfermo, desde el principio de su enfermedad, hasta la muerte. Y porque aqui se trata del aparejo, y disposicion que se requiere, para recibir los Sacramentos, y del exercicio de las principales virtudes, es tambien materia provechosa, para los sanos. En el segundo Tratado se enseña lo que deve hazer el Sacerdote, que ayudare a bien morir”⁹.

No entanto, apesar de todo o interesse peregrino que a arte de António Alvarado podia suscitar no seu tempo, o facto é que este tratado, que se prolongava por cerca de 400 fólhos, acabava por se tornar demasiado pesado e denso, o que explica não apenas as críticas sugeridas por Estevão de Castro, mas também o seu posterior insucesso editorial, não se conhecendo nenhuma outra reimpressão ou reedição. O nosso jesuíta aproveitava esta crítica para referenciar o seu tratado no âmbito de uma estesia literária que praticava a brevidade e o pragmatismo.

A tradição das *artes moriendi* apontava, de facto, desde sempre, para a compilação de exercícios, conselhos e orações destinados quer ao sacerdote quer ao agonizante e, por essa razão, eram tratados que perseguiram uma evidente utilidade funcional, optando por propor uma fácil leitura e manuseamento, a par com uma grande simplicidade narrativa e de organização.

Procuravam efectivamente cumprir a funcionalidade prática sugerida pelos seus títulos – indústrias, aparelhos e artes – que, com todas as conotações de esforço e de exercício espiritual que, no século XVII, supunham estas palavras, deveriam rápida, fácil e eficazmente acompanhar o moribundo durante o seu trespasse, organizando-lhe uma boa morte.

Estevão de Castro irá conciliar a brevidade e simplicidade que estas *artes moriendi* apresentavam praticamente como norma do género, oferecendo ainda um carácter pragmático e utilitário que, sendo também característico desta tipologia literária, representa um passo além na tradição utilitária jesuítica aplicada a estas preparações para a morte. Com efeito, é um facto comprovado que a Companhia de Jesus se distinguia de todas as outras ordens religiosas, quer pelo tratamento e pela atenção dedicada aos marginalizados e aos marginais da sociedade, quer pela sua concepção de obras práticas, de utilidade manifesta. O livro do nosso jesuíta é, também por isto, desde o primeiro instante, marcadamente pragmático, programa acauteladamente consagrado pelo próprio título, em que o manifesto despretençiosismo se traduz na fórmula quase redundante: *Breve Aparelho e Modo Fácil*.. Nenhuma presunção, de facto. Apenas a humilde intenção de, de modo *breve e fácil*, ajudar no difícil trânsito da morte – da boa morte – e do julgamento final. Para tal efeito, este tratado conta ainda *com a recompilação da matéria de testamentos, e penitência, várias orações devotas, tiradas da Escritura Sagrada, e do Ritual Romano de N. S. P. Paulo V*, cruzando, assim, a função geral e sumária de *Breve Aparelho* com a compilação que se pretendia de *Modo Fácil*.

Coloca-se, assim, praticamente desde o contacto com a proposta titular da obra, um problema de reconstrução documental, mais precisamente, de dilucidação das fontes reunidas, compiladas e organizadas pelo tratado de Estevão de Castro. Com efeito, um leitor atento não poderia ficar insensível ao conhecimento de causa que o autor deixa transparecer desde o início da sua obra, mas muito rapidamente também se veria confrontado com um outro nível de organização narrativa do texto, remetendo para o uso de uma experiência pessoal¹⁰. É precisamente o que acontece neste pequeno tratado de ajudar a bem morrer, em que Estevão de Castro, numa Epístola Dedicatória a D. Miguel de Castro, Arcebispo de Lisboa, e Metropolitano do Conselho de sua Majestade, sobreleva mesmo a grande importância da experiência pessoal que este tratado reflecte. Iniciando esta *Epístola* com uma metáfora conhecida e

tópica, em que compara o trabalho dos sacerdotes que ajudam a “encaminhar aos felices prados da bemaventurança”, ao do pastor “que ajuda a encaminhar as ovelhas descarriadas, ou a lhe tirar alguma da boca do lobo”, o jesuíta não deixa também de se colocar directamente na concretização da estratégia do serviço que a Companhia fundada por Santo Inácio havia convocado como elemento axial do seu carisma e especialização regnal, assinalando, por isso, que “nesta empresa servimos a Deos, & ajudamos a V. S. Illustrissima os da cõpanhia de Jesus trabalhando não so em todo o discurso da vida das ovelhas ; endereçandoas aley de Deos, mas tãbem na dificultosa hora da morte. Nesta me achei muitas vezes a de muytos de diversos estados, que requerem diversos auxilios : & com o uso fuy notãdo algumas advertencias, que sendo so para lembrãça, pessoas zelosas do bemdas almas me forçarão a publicalas, pois não podendo eu so assistir a todas, dava methodo aos q assistindo a muytas selhes cõtentesse, ou imitalo, ou a seu modo melhoralo”¹¹.

À semelhança dos restantes padres da Companhia de Jesus, Estevão de Castro não esconde, portanto, a função que *muytas vezes* desempenhou de acompanhamento das almas no último momento da sua vida. Este tratado para ajudar a bem morrer resultou, assim, também da vasta experiência que o nosso jesuíta adquiriu quando ajudava no difícil momento do trespasse, experiência que, contudo, se configura e organiza igualmente em função de outras leituras e manuais. De qualquer modo, Estevão de Castro sublinha com anterioridade a importância maior da sua própria experiência sacerdotal, vazando na sua obra os vários momentos que constituíam o acompanhamento dos enfermos. O *Breve Aparelho* destina-se, portanto, desde logo, a guiar e apoiar todos os sacerdotes que ajudam a bem morrer, fornecendo-lhes uma orientação organizada, textual, com uma ampla capacidade de adaptação a todas as circunstâncias práticas.

O autor explica ainda que, como seria de esperar, compôs a sua obra guiando-se pelas Sagradas Escrituras, pelas lições dos Santos (especialmente as *Visitacione infermorum* de Santo Agostinho) e escorando-se ainda nos grandes mestres da teologia dogmática e noutros autores espirituais. Este cruzamento constante entre experiência e autoridades obriga Estevão de Castro a exemplificar todos os conselhos que dá, não com a sua própria experiência, mas com “armas lestes, e cousas certas, e experimentadas pelos Santos”. Trata-se, em suma, de um tratado destinado a “ajudar contra o Demónio as almas

affligidas em tal aperto”, e a sua eficácia resulta do facto de já ter sido “cosa experimentada pelos Santos”¹².

Este conhecimento das “cosas experimentadas pelos Santos” e todas as advertências, conselhos e exercícios suggestionados são sempre corroborados com *exempla* retirados da Bíblia, especialmente dos Evangelhos, guiando-se ainda Estevão de Castro por obras de teólogos e demais autores, especializando uma organização da sua obra em função também da justificação dos textos sagrados. A esta dimensão acrescenta-se a publicação de orações, uma espécie de breviário de orações, e de conselhos úteis para todos aqueles que irão enfrentar a dura batalha pela salvação da própria alma. O triunfo da escatologia do Julgamento Individual encontra aqui toda a sua verdadeira dimensão, sendo esta arte de bem morrer exemplo paradigmático dessa longa tradição, primeiro, iconográfica e, depois, textual, largamente difundida, que visual e textualmente representava o combate pela alma do moribundo travada entre o Diabo e o seu exército de demónios e a corte celeste¹³.

É precisamente esta a cenografia especializada que Estevão de Castro procura verter em texto, pretendendo com a sua obra dar uma modesta contribuição para a vitória nessa dura batalha que irá travar-se, onde a lembrança da vida, o temor da morte e do julgamento divino parecem destituir o agonizante das forças que deverá ter para enfrentar o trespassse. É por isso que ajudar a bem morrer, no fim da vida:

he necessário, como cousa repentina (pois os enemigos dão assaltos às almas postas naquelle estado, como diz a sagrada Escritura Genes. c.3. Tu insidiaberis calcaneo eius). Armas lestes, e cousas certas, e experimentadas pellos santos, pera acodir a tais rebates, e ajudar naquella hora de tão aperto, os enfermos, e suas almas ; quando o apartamento da vida, as dores do corpo, a lembrança do tempo passado mal gastado, os temores do juizo eterno de Deos, a vista dos demonios ; e finalmente a lembrança da eternidade, tudo perturba de tal maneira a huma pessoa posta naquelle estado, que cõ a fraqueza das potências corporais fica huma alma em grande tribulação...¹⁴

No entanto, este aparelhar-se para uma boa morte consiste, segundo Castro, também num exercício quotidiano, pois só uma boa vida poderá conduzir a uma boa morte. Este é um traço comum, afinal, a todos os autores que começam a contestar a crença alargada – e difundida pela escatologia do destino individual, decidido no leito do moribundo – de que não era necessária uma vida cristã, já que uma boa morte poderia resgatar toda uma vida pecadora.

Assim, o livro do jesuíta sublinha com clareza que “e ainda que o verdadeiro aparelho para o bem morrer, he o bem viver ; e quem cadadia se arma, e esforça abem viver, cadadia se aparelha a bem morrer : cõ tudo digo, que posto que neste breve tratado se vejã diversas palavras santas que proveita pera aquella hora”¹⁵.

A arte de bem morrer deverá, portanto, conciliar os exercício espirituais no leito do moribundo com toda uma vida a preparar, pensar e vencer o momento da morte. É aquilo a que Michel Vovelle chamará “la vie dans la pensée de la mort”, explicando que “pour la majorité des auteurs la préoccupation doit être quotidienne, l’exercice constamment renouvelé, et tout traité débute par ce quotidien morior, je meurs tous les jours, que Nouet dans sa *Retraite pour se préparer à la mort*, prend comme base de son commentaire: “l’Art de mourir saintement est si important que pour y réussir une fois, il faut l’apprendre toute la vie”¹⁶. Não basta somente uma boa morte, é necessário toda uma preparação durante a vida, e é este *quotidie morior* que estará na base da advertência lançada por Castro:

advirto porém a cada hum que o ler, que procure encher sua vida de diversas obras virtuosas, e santas, porque pouco aproveytam a hum palavras, posto que santas, se quando se achar naquella ultima hora, senão vir cercado de obras meritorias, pouco temerão então os imigos boas palavras, quando cõ obras màs, e peccados de toda a vida lhe demos direyto em nós. E assi a santidade das orações, e versos sagrados podera enxotar os demonios; mas a boa vida passada os espãtara e ferira de morte, e de todo os apartara de nós; para que acompanhados dos Anjos alcãcemos a salvação. E pois que he tão certo, que no bem viver, consiste o bem morrer; trabalhemos em vida quanto pudermos, por ser tais, quais naquella hora nos queriamos achar: quando agora he o tempo de obrar, que depois não sabemos o que poderemos, nem onde, nem quãdo, nem como acabaremos¹⁷.

Até aqui, nada de original se destaca na pequena obra do jesuíta relativamente às restantes artes de bem morrer que circulavam na época. Todas elas manifestavam, e continuariam ao longo do século XVII a manifestar, igual intenção, isto é, o serem um socorro das almas no momento da morte, e uma forma de *aparelhar* o doente para o difícil trânsito que tinha de enfrentar e ultrapassar¹⁸. A originalidade da obra de Estevão de Castro não reside no seu conteúdo, mas sim na forma como ele nos é apresentado, na sua brevidade, traduzindo-se num pragmatismo típico das obras jesuítas e numa singular organização estrutural. O *Breve Aparelho* resulta, assim, pela junção de todas

estas características – nomeadamente o seu perfil utilitário, bem como pelas linguagens com que manobra – num paradigma deste tipo de literatura tão específico de preparação para a morte.

Que o tratado de Estevão de Castro se tornou num paradigma da restante literatura destinada a ajudar a bem morrer, que posteriormente se publicou em Portugal, é uma afirmação que facilmente podemos comprovar com as palavras de um outro jesuíta, o Padre João da Fonseca, autor de três artes de bem morrer, uma de 1687 – *O Espelho de Penitentes* – e duas outras publicadas no mesmo ano, em 1689 – *O Guia de enfermos, moribundos e agonizantes* e o *Alívio de Queixosos na morte dos que amaram a vida*. No Prólogo do *Guia de enfermos, moribundos e agonizantes*, faz o Padre João da Fonseca uma directa referência significativa ao tratado do seu irmão Estevão de Castro, argumentando que:

Bem vejo, dirà o que ler, ou ouvir o titulo deste livro, que não poderà trazer cousa de novo, que não tenha o P. Estevão de Castro de nossa Companhia, que neste Reyno he tão acéito, & com elle se tem feito tanto fructo, como he a todos notorio. Se comtudo ler o indice dos capitulos, & titulos ; delles acharà de novo muitas cousas, que he bem saibão os enfermos, & os que lhe assistem.¹⁹

Questionando o problema da originalidade do seu próprio tratado, João da Fonseca acaba por nos dar achegas de grande interesse e importância para o estudo que nos propusemos realizar. Sublinhando aquilo que distingue o *Guia de Enfermos* do *Breve Aparelho*, demonstra-nos não só os conteúdos originais que o seu tratado pretende versar, como também aquilo que o separa da obra de Estevão de Castro, como é o caso, nomeadamente, de convocar o vulgar e não o latim na edição da colecção de orações. De qualquer forma, o testemunho de João da Fonseca parece oferecer prova concreta do êxito referencial que o *Breve Aparelho* tinha alcançado, transformando-se numa obra paradigmática e incontornável.

No seguimento da tradição jesuítica de construção de um discurso pedagógico centrado numa predicação que se quer da maior eficácia e pragmatismo, o tratado de Estevão de Castro irá reflectir uma teia estrutural arquitectonicamente urdida com cuidada organicidade. Com efeito, o *Breve Aparelho* repousa sobre uma estrutura cuidadosamente delineada que serve de base a um discurso de edificação moral e de contemplação ascética que o autor irá adequar a cada situação específica, a cada caso particular.

Logo no Prólogo, o nosso jesuíta anuncia e acautela a organização estrutural da obra, que resulta numa perfeita adequação dialéctica entre os diversos capítulos e os diferentes estados em que se encontra o agonizante, isto é, os diferentes “graos da doença”. Esclarece Estevão de Castro que “vay este tratado dividido em seis partes breves, apropriadas a seis graos, ou passos da enfermidade em que ordinariamente està o enfermo antes que espire, e passe da vida presente”²⁰.

Esta organização estrutural em seis capítulos, correspondentes aos seis *graos de doença*, traduz – para além de uma perfeita adequação entre forma e conteúdo – essa preocupação que atravessará toda a obra de concisão, simplicidade e pragmatismo, tão típica da Companhia de Jesus, mas que é igualmente traço característico das necessidades de brevidade de uma nova pedagogia que se instala então, e que reclama sobriedade e depuração lexical, tendo em vista uma maior eficácia na compreensão do discurso religioso. A divisão em seis partes, correspondentes aos seis estados, ou *graos*, que o doente irá atravessar, serve, de forma excelente, esse propósito. Efectivamente, qualquer confessor poderia adaptar o seu discurso, os exercícios a realizar e as orações que deveriam ser ditas, consoante o estado do agonizante, o que confere a este tratado grande pragmatismo e utilidade. Sendo assim, bastava àquele que assistia ao moribundo, seguir progressivamente os conselhos, as advertências, as admoestações, as litanias e as orações que Estevão de Castro sugeria, tendo somente que decidir, depois de ter verificado o estado do doente, aquilo que seria mais apropriado. É evidente que estes seis “graos” correspondem a uma representação da doença e da agonia da morte, configurando, ao serviço de um discurso de controlo religioso, principalmente ascético, o caminho que conduz à preparação da boa morte. De qualquer forma, o livro do jesuíta português acredita na coextensividade entre esses seis *graos* e as diversas situações mórbidas, aconselhando o confessor, antes de tomar qualquer atitude, a determinar em que *passo* ou *grao* da doença se encontra o agonizante para, depois, agir religiosamente em conformidade. Importa, assim, reter, pela sua posição estruturante na obra do jesuíta, os seis passos em que Estevão de Castro organiza o caminho da morte. Explica o *Breve Aparelho* que:

o primeiro, he o principio da doença, da qual se teme que morrera. O segundo, quando a doença se agrava tanto, que cuyda nam escapara. O terceiro quando a doença crece de modo, que se presume perdera o juizo. O quarto quando ja a doença prevalece tâto, que chega o enfermo agonizar. O quinto, quando totalmente o enfermo està penando na agonia, ou passamento. O sexto, quando a alma ja quer sahir do corpo, e de todo espirar.²¹

Consoante o grao de enfermidade dever-se-á, então, utilizar a parte do Tratado que lhe é expressamente dedicada, sendo ao todo seis, a saber:

A primeira, pera se avisar ao enfermo, que se não tem feyto seu testamento, o faça, e vay pera isso o modo de se fazer com todas as duvidas, e advertências necessárias; mais que se restituia se deve alguma cousa, e ordene sua alma, como quem està para dar cõta a Deos, e se cõfesse, e pearsa isso vay hum interrogatorio claro, e acomodado, a todos os estados de pessoas pera o fazer, se quiser, geralmente; e como recebera o santissimo Sacramento; e a extrema Unção: e esta parte serve pera o primeiro passo da doença. A segunda parte, que contem hum Soliloquio pera se ler ao enfermo se não estiver fraco pera lhe avivar a Fè, e inflamar a alma em amor divino, com huma Protestaçam da Fè Catholica; e hum reconhecimento dos beneficios de Deos recebidos, acõpanhado cõ huma acção de graças por elles, e confissão em gèral das propria culpas, e faltas que todos temos; e esta segunda parte serve para o segundo grao da doença. A terceira parte contem humas perguntas de S. Anselmo com algumas Orações muy devotas do mesmo santo, que no seu tempo se usavão, accõmodadas ao terceiro passo da doença. E hase de notar, que estas tres partes ditas he necessario precedã antes que o enfermo tenha perdido o sentido, e falla: ajudão, e aproveytã muito ditas em nome do enfermo, e junto delle. A quarta, he hum Alphabeto de muitos Versos do Psalteiro de David, feitos de todos hum Psalmo da morte, cõ algumas Orações muito devotas, chamado de alguns Santos o Psalmo da morte, ou agonia, e serve pera o quarto grao da doença. A quarta parte contém huma recõpilação de palavras sagradas, tiradas da Escritura santa, pello glorioso S. Leão Papa; das quaes diz o mesmo Santo serem de grandissima virtude, e excelencia cõtra os demonios, e muy confortativas pera a agonia da morte, que he o quinto passo da doença. A sexta e ultima parte contem huns Versos de admiravel virtude, enxerico nelles o doce nome de IESUS, o qual serve pera o sexto passo, em que a alma se arranca do corpo: e assi convem serem ditos com muito fervor, fé, e devoção; porque este he o passo mais perigoso; e onde se perde, ou ganha tudo: então apertão mais rijamente os demonios; e como feras crueis pretendem levar cõsigo a rica perola da alma, que Chrysto Senhor nosso cõprou com seu sangue precioso.²²

Estevão de Castro elenca e discrimina, assim, de forma bastante sucinta e clara, as principais temáticas que o seu Tratado irá versar, aludindo à divisão em capítulos e aos conteúdos que, em cada capítulo, desenvolverá, demonstrando que toda a estruturação, extensão e formato da obra decorre quase exclusivamente dessa relação dialéctica propedêutica entre o grau da doença e o “remédio” espiritual que, para esse momento, lhe deveria ser administrado.

Este curto resumo do *Breve Aparelho* permite, de imediato, relevar algumas dimensões e investimentos específicos convocados pelo texto, funcionando também como uma nítida modalidade de organização e preparação da leitura em que parece sobressair uma direcção sacerdotal e confessional.

A partir desta apresentação, seria sobremaneira interessante começar por inserir o *Breve Aparelho* no interior da tipologia estrutural que Roger Chartier²³ estabeleceu para as *artes moriendi*, após uma sondagem exaustiva de um *corpus* de 236 textos. Recorde-se que Chartier afirma encontrar-se a versão longa das *artes moriendi* dividida em seis momentos: “les recommandations sur l’art de mourir, les tentations qui assaillent le mourant, les questions à lui poser, les prières qu’il doit prononcer, les conduites que doivent tenir ceux qui l’entourent et les prières qu’il leur convient de dire”²⁴. Embora as seis partes em que se divide o *Breve Aparelho* de Estevão de Castro não correspondam de forma exacta aos seis momentos delimitados por Chartier, já que a organização e disposição desses conteúdos é diferente, e muitos dos momentos que o historiador francês elenca foram incluídos por Castro num capítulo mais abrangente, existe uma evidente aproximação entre o modelo tipológico e o texto fixado pelo jesuíta português. Destacam-se, porém, algumas diversidades significativas, como ocorre no caso dos três primeiros momentos da tipologia proposta pelo autor francês, que comparecem no *Breve Aparelho* condensados num só capítulo, o primeiro, que, como explicavam as próprias palavras de Estevão de Castro, engloba as advertências e conselhos a fazer ao agonizante para que fizesse o seu Testamento; as perguntas que lhe deviam ser colocadas aquando do momento da Confissão para, em seguida, poder estar apto a receber a Extrema Unção e o sagrado Viático.

A nível da estrutura e dos conteúdos gerais, o *Breve Aparelho* não parece, portanto, diferir muito das restantes artes de bem morrer que circulavam, na mesma época, nos vários países europeus, nomeadamente em França. Seja como for, com esta ou outra organização, Estevão de Castro aborda todos os conteúdos especializados pela versão longa das modernas “artes de morrer”, remetendo para os principais paradigmas impressos que se haviam editado entre os séculos XVI e XVII. Relembre-se, a propósito, que o principal paradigma destas diversas preparações práticas para a morte seria talvez a obra que, segundo Chartier, alcançaria o maior sucesso editorial desta altura, multiplicando-se por, pelo menos, cerca de 159 edições actualmente conhecidas

no período que vai de 1540 a 1700. Falamos do tratado de Juan Polanco, *Methodos ad eos adiuvandos qui moriuntur* que, no dizer do historiador francês, se tornaria o arquétipo de toda a literatura jesuítica de preparação para a morte, com larga prole e influência em toda a literatura ascética e penitencial da morte.

Aliás, e em linhas gerais, os tratados de preparação para a boa morte, que se expandem por toda a Europa, parecem, como observaram os espanhóis António Espino López e Francisco López Molina²⁵, numa análise da arte de bem morrer do jesuíta Padre Gil, apresentar três variantes. A primeira, conformada pelos tratados cujo objectivo principal é ensinar os vivos a meditar sobre a morte e a viver quotidianamente com o pensamento nela, forma os textos que exortavam a um *quotidie morior* como única maneira de alcançar uma boa morte. Um segundo bloco de *artes moriendi* encontra-se constituído pelas obras que incorporam na arte de bem viver um manual pormenorizado para ajudar a bem morrer. O conceito-chave destas obras é, segundo os dois autores, a incerteza da hora da morte, propondo como solução para tal situação, para além da meditação quotidiana sobre a morte, a leitura frequente destas obras. Finalmente, uma terceira variante englobaria todos os tratados claramente destinados a servir como guias de confessores nos momentos finais de vida dos cristãos. Aqui estariam contemplados também os Manuais de Confessores que incluem um capítulo dedicado ao bem morrer, e justamente obras como as de Juan Polanco e do Padre Gil, que não são mais do que tratados paradigmáticos do perfeito confessor, preparado para superar qualquer dificuldade²⁶.

Se aplicarmos esta tipologia, o *Breve Aparelho* poder-se-ia enquadrar perfeitamente nesta terceira variante das *artes moriendi*. Tal como os tratados dos dois outros irmãos da Companhia de Jesus referidos pelos investigadores espanhóis, também o livro de Estevão de Castro se centra claramente na figura e no papel do confessor, nele encontrando uma direcção principal, como também as fronteiras fundamentais que ditam a estruturação, o conteúdo e a organização do tratado, desta forma configurado pelo controlo confessional e o conjunto de modalidades de comunicação oracional, ascética e penitencial que importaria especializar para o acompanhamento da morte. De qualquer modo, uma investigação mais minuciosa do *Breve Aparelho* permite rapidamente descobrir a utilidade recorrente perseguida pelos seus diversos conteúdos, especificando uma obra que deve também sobremaneira à hereditariedade dos manuais e directórios de confissão. Em qualquer caso, a obra sobreleva uma

orientação e direcção sacerdotais, comprometendo-se com esse movimento de clericalização da morte que se afigura dever reter-se como uma das principais características da história da morte no período moderno. Estas estratégias discursivas e a rigorosa construção narrativa mostram-se indispensáveis para veicular uma mensagem religiosa de amplo sentido moral e social, cruzamento que parece, aliás, informar uma encruzilhada fundamental na qualificação e popularização da literatura religiosa barroca cristã, plasmando construção estético-narrativa e discurso, formas e sentidos, recordando, afinal, a importância decisiva que o casamento entre o gesto e a palavra sempre assumiu no sucesso da religiosidade católica.

¹ O nosso inquérito bibliográfico baseia-se em José Adriano de Freitas de Carvalho (dir. de), 1988, *Bibliografía Cronológica da Literatura de Espiritualidade em Portugal (1501-1700)*, Porto, Cf. n.º 133 e 218.

² *Ibidem.*, Cf. n.º 805.

³ Diogo Barbosa Machado, 1966, *Bibliotheca Lusitana*, Coimbra, Atlântida Editora, II, p.472.

⁴ José Adriano de Freitas Carvalho(dir. de), 1988, Cf. n.º 839.

⁵ António Espino López e Francisco López Molina dedicaram-se, embora ainda de forma insuficiente mas que se deve exaltar, à análise de uma destas *artes moriendi*, precisamente a de um jesuíta, o Padre Gil (1551-1622), o seu *Modo de Ajudar a ben morir als qui per malaltia o per justícia moren. Es utilissim per a tots los parocos, confessors y sacerdots ques emplean en profit de las Animas*, Barcelona, J. Amelló, 1605. Na comunicação intitulada *El “Arte de Bien Morir del jesuita padre Pere Gil”*, os dois investigadores espanhóis contabilizam as *artes moriendi* que surgem em Espanha no século XVI. Esta análise insere-se no contexto do Congresso *Muerte, Religiosidad y Cultura Popular, siglos XIII-XVIII*, que se realizou entre 12 e 14 de Dezembro de 1990 na faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Zaragoza. *Muerte, Religiosidad y Cultura Popular, siglos XIII-XVIII*, Zaragoza, Institución “Fernando el Católico”, Eliseo Serrano Martín editor, 1994.

⁶ Diogo Barbosa Machado, 1966, *op.cit.*, vol. I, p. 753.

⁷ Para além destas quatro edições, o *Breve Aparelho* seria ainda editado em 1663, na cidade de Lisboa, na tipografia de Domingos Carneiro; em 1670, a imprensa lisboeta de João da Costa oferecia nova edição do *Breve Aparelho*; volvidos apenas dois anos, arrola-se a primeira edição fora da capital que, datando de 1672, seria impressa em Évora, nas oficinas da sua Universidade. Em 1677, novamente numa oficina lisboeta, desta feita de Miguel Manescal; virado o século, o *Breve Aparelho* imprime-se em 1705,

rumando a Coimbra, sendo multiplicado pelos prelos de José Antunes da Silva. Por fim, a última edição conhecida data de 1723, saindo em Lisboa da tipografia de António Pedroso Galvão. É provável que tenham existido outras edições do manual de Estevão de Castro, conhecendo-se, pelo menos, duas contrafações da obra, atendendo à quantidade de exemplares que, depois da exclausuração, seriam nomeadamente assinalados por Inocêncio, a partir de bibliotecas conventuais, monásticas e eclesiásticas entretanto extintas.

⁸ Estevão de Castro, 1621, *op. cit.*, Prólogo.

⁹ António Alvarado, 1616, *Arte de Bien Morir y Guia del Camiño de la Muerte*, Lisboa, Pedro Craesbeeck.

¹⁰ Daniel Roche, “La mémoire de la mort. Recherche sur la place des arts de mourir dans la librairie et la lecture en France aux XVIIème et XVIIIème siècles”, *Annales E.S.C.*, *op. cit.*, p. 94.

¹¹ Estevão de Castro, *op. cit.*, Prólogo.

¹² *Op. cit.*, *ibidem*.

¹³ A tradição iconográfica das *artes moriendi* foi um dos assuntos mais estudados pela historiografia da morte ; os diversos autores, ora fizeram dela motivo de explicação e confirmação das suas teses sobre as atitudes do homem perante a morte, como é o caso de Philippe Ariès, ora a exploraram nas suas vertentes mais extensas e significativas, como é o caso de Émile Mâle. Ver, por exemplo, MÂLE, Émile Mâle, 1969, *L'art religieux de la fin du Moyen-Âge en France*, Paris, Armand Colin, ou Philippe Ariès, 1977, *L'Homme devant la Mort*, Paris, Seuil, ou do mesmo autor, *Images de l'Homme devant la Mort*, 1983, Paris, Seuil. Tratava-se de gravuras de madeira que circulavam e se vendiam com grande sucesso e que encenavam a batalha que, no seu leito de morte, o moribundo travaria com as forças demoníacas, sempre com a intercessão da corte celeste – os anjos, a Virgem e, por vezes, o Arcanjo Gabriel. Entre o século XVI e o século XVII, opera-se uma importante permuta que vai substituir a imagem pelo texto, e o lugar de destaque na transmissão de uma arte de bem morrer, que anteriormente era ocupado pela iconografia, vai passar integralmente para o texto. Esta substituição deve-se à pressão de vários factores que se estendem desde o crescimento da alfabetização massiva até à especialização da literatura religiosa ascética e penitencial pela Reforma católica.

¹⁴ Estevão de Castro, 1621, *op. cit.*, Prólogo.

¹⁵ *Ibidem.*

¹⁶ Michel Vovelle, 1974, *Mourir Autrefois*, Paris, Gallimard, p. 58.

¹⁷ Estevão de Castro, 1621, *op. cit.*, Prólogo.

¹⁸ Veja-se, a título de exemplo, as diferentes intenções e propósitos que os autores, anteriores e posteriores à redacção do *Breve Aparelho*, revelam nos Prólogos das suas obras. Primeiramente, a obra de António Alvarado, 1615, *op. cit.*: “se ensenã lo que deve hazer el enfermo, desde el principio de su enfermedad, hasta la muerte”. Seguidamente, o do padre agostinho, Fernando da Cruz: “meus caríssimos doentes, a cada um em particular amorosamente visito com este Tratado, que para seu alívio compus, e para com ele também se disporem para uma feliz morte[...]. Este é pois o intento deste

Tratado, aliviar os doentes com a lembrança de uma ditosa morte, e dispor a morte para gozar da eterna vida”. Fernando da Cruz (C.R.S.A.), 1691, *Alívio das doenças e disposição para uma preciosa morte, orações, actos de fé, e amor de Deus*, Lisboa, Domingos Carneiro; ou ainda as duas obras do padre jesuíta João da Fonseca: “não foi meu intento, quando comecei esta obra, sair com ela a público, mas só fazer uma breve suma de algumas cousas, que me podiam servir, quando a santa obediência me mandasse confessar enfermos, assistir a moribundos, e ajudar a bem morrer os agonizantes”. João da Fonseca (S.J.), 1689, *Guia de Enfermos, Moribundos e Agonizantes*, Lisboa, Manoel Lopes Ferreira, entre tantos outros.

¹⁹ João da Fonseca, 1689, *op. cit.*, Prólogo.

²⁰ Estevão de Castro, 1621, *op. cit.*, Prólogo.

²¹ *Ibidem*.

²² *Ibidem*.

²³ Roger Chartier, “Les Arts de Mourir”, *Annales E.S.C.*, 1976, n° 1, p. 52.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ António Espino López e Francisco López Molina, 1994, *op. cit.*, p. 321-342.

²⁶ *Ibidem*, p. 339-34.